



Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

10 de Dezembro de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1898
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O menino

HÁ dias fui conhecer um pequeno, para quem o seu irmão mais velho pedira acolhimento na nossa Casa. Verifiquei, junto deles, que não se tratava de uma situação a que pudéssemos e devêssemos dar resposta afirmativa.

No regresso, ao fim do dia, estava a nossa Comunidade reunida à mesa, para a oração vespertina habitual e para o jantar. Sentei-me no meu lugar e reparei que os olhos, especialmente dos mais novos, se punham alternadamente em mim e na porta por onde entrara. Percebi que procuravam aquele por quem fora fazer a viagem. Terminada a oração logo saltou a pergunta dos mais próximos, depois corroborada pelos mais novos, a saber se o menino tinha vindo. Que não...

Os mais crescidos, a meu lado, apontaram então para um lugar vazio, preparado na nossa mesa para o menino novo que esperavam; e no seu olhar encontrei desapontamento.

Não contava com esta recepção, e por isso fiquei com este acontecimento a remoer em mim...

Tínhamos acabado de entrar no tempo do Advento. Tempo de espera de Alguém que está para chegar. Ele é também um Menino, mas poderá chegar como um pai ou um irmão. Virá porque nos faz falta, mas poderá, até lá, enviar-nos alguém até que Ele próprio venha. Assim o esperam os nossos de Moçambique e os nossos do Calvário e de Beire, que diariamente nos perguntam em que dia virá o pai que os assista e anime.

«Como a família é verdade», e como os irmãos nunca são demais nem estão a mais! Bem pelo contrário: Este menino que não veio mas foi desejado, ficou presente no coração de cada um dos nossos, que o esperavam, como sinal de abertura ao anseio de fraternidade, que está, em verdade, enraizado no coração humano. O contrário é morte.

É assim que o Advento há-de persistir, até que Aquele que esperamos chegue. Neste entretanto, não deixará de cumprir a promessa de ficar entre nós. Em Moçambique e em Beire vê-la-ão cumprida. □



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Do Avô António Joaquim

NESTA tentativa de entretecer algumas gerações da família do Padre Américo, com simples subsídios atinentes, para além dos dados genealógicos,

importa fixarmos a nossa atenção na necessidade social e pastoral mais do que urgente de valorizarmos a comunidade básica da sociedade, significativamente de-

nominada de igreja doméstica, pela Igreja, no II Concílio do Vaticano, na sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, com palavras de S. João Paulo II, é sublinhado que os mais velhos ajudam a perceber a *continuidade das gerações*, com o carisma de *lançar uma ponte entre elas*. As histórias das pessoas que nos precederam *fazem muito bem às crianças e aos jovens, porque os ligam à história vivida tanto pela família como pela vizinhança e o País*. Na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, o Papa Francisco lembrou que *num momento particular como o nosso, marcado por tantas crises, entre as quais a da família, é importante fazer chegar uma palavra de força consoladora às nossas famílias*.

Da escola familiar ao nome tão próximo pelo qual Padre Américo ficou mais conhecido — Pai Américo, pela multidão de filhos e amigos, foi uma aprendizagem segura e feliz, num itinerário exemplar à procura da Luz, que o conduziu a deixar no seu *Testamento* este belo pensamento: *Tudo quanto seja regresso a Nazaré, é progresso social cristão*. Reveste-se, assim, de grande significado teológico a asserção de D. António Ferreira Gomes, Bispo do Porto (1952-1982), sobre a sua paternidade sacerdotal: *será preciso deduzir bem e ter sempre presente a lição da sua vida; e essa lição, através de longa e vária escrita, resume-se toda naquela evolução fonética e semântica, que não sei se já foi historiada ou se algum dia o será, evolução que, na boca dos seus gaiatos e dos seus sacerdotes, de Padre Américo fez Pai Américo. A verdade das coisas, provavelmente saía ex ore infantium!*...

Continuemos, pois, nesta viagem, chamando ainda o apontamento redigido pelo seu irmão mais velho, Padre José, para procurar ajudar a tecer alguns fios da genealogia do seu ramo materno. Transcrevemos, então, uma nota sobre o seu avô materno: *António Joaquim Ferreira — meu avô de Antelagar (materno), ficou com a casa. Teve dois filhos: Teresa e Joaquim. Este nasceu dia 7 de Novembro de 1849, e faleceu a 25 de Novembro de 1907. Foi casado com Joaquina Ferreira, proprietária da Casa de Várzea, freguesia de Cete, a qual faleceu dia 10 de Dezembro de 1906.*

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

É muito frequente, em nossa Casa, a visita de mulheres maltratadas pelos companheiros, a pedir socorro ao *Património dos Pobres*.

É quase semanal. Sabendo da nossa comunhão com a sua dor e penúria, tomam o caminho da Casa do Gaiato, com tanta naturalidade, como os humanos chamam os bombeiros para apagar o fogo.

Aqui, encontram sempre ouvidos para escutar as terríveis mágoas e uma palavra de conforto, orientação e prudência.

A modernidade chama a este fenómeno social: *violência doméstica*.

Muito raramente vejo televisão, a não ser, quando nos hospitais e clínicas, espero uma consulta para os meus Rapazes. A distração visual é quase imposta ao olhar de quem aguarda, como eu.

Vejo nos noticiários e reportagens realizadas, a forma como a violência doméstica é tratada.

Ninguém se atreve a ir ao fundo da questão, que está, como todos sentimos, e é evidente, na desmoralização da sociedade, levada a cabo por tantas e tão renovadas assembleias da república e legislativas.

Confundiu-se liberdade política com libertinagem social.

Como, para crescimento do poder partidário, convém ir ao encontro das paixões e apetites desregrados dos cidadãos, tudo se sacrifica ao interesse sectário.

Para disfarçar, vamos, depois, queixar-nos da falta de valores humanos na sociedade.

Podemos perguntar: Quem os promove? Será quem nos enche a cabeça de manhosas aldrabices, puxando sempre a brasa à sua sardinha até se sentarem no poder...

Após a aquisição do trono, são os primeiros a zelar pelos seus salários (Não será antes roubos aos Pobres?) e regalias! Quando se trata de benesses próprias,

ninguém vota contra e nenhuma banca se abstém. Todos são a favor!

Fala-se também muito, na luta contra a pobreza, silenciando a miséria e, até, alguns movimentos da Igreja católica, vão na cantiga.

A experiência cinquentenária diz-nos que é muito mais fácil destruir a pobreza do que debelar a miséria. Esta enrola-se nos vícios e passa de pais para filhos.

Como responsabilizar um homem que bate na mãe dos seus filhos?

A semana passada, apareceram-me, duas senhoras, feridas na alma e no corpo, pelos progenitores da sua prole.

Vêm ter comigo com uma confiança quase filial!

— *Que hei-de fazer, padre? Quem me acode?*

Já bati em tantas portas e ninguém me dá a resposta que eu preciso.

Uma delas, com uma criança de peito ao colo, apresentou-se

muito desequilibrada pela tragédia que sobre ela se abatera.

De olhos muito negros, num rosto pálido e um corpo esquelético.

Posta na rua, a pontapés, com os quatro filhos, fugiu sem nada, para casa de um tio.

O responsável social do bairro, segundo me contou, exigia a sua saída daquela moradia, por não fazer parte do agregado familiar.

— *Oh! mulher, então vem ter comigo para quê? Já arranjou uma casa para alugar? Quer que eu vá alcançar tempo para buscar morada para a sua família? Como? Então vem ter comigo sem nada na cabeça?*

Entrou a Polícia, o Tribunal. Toda a Lei está a seu favor.

Mas quem lhe dá uma casinha, mobília e electrodomésticos?

Nem a Polícia nem o Tribunal faz coisas destas, mas o seu trabalho é em nome do Estado. Sim:

Continua na página 4

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«VINDE COMIGO E EU FAREI DE VÓS PESCADORES DE HOMENS» (Mt 4, 18-22) — Esta crónica ainda está ser escrita de um sítio do mundo ao qual acorrem todos os dias milhares de pessoas, principalmente para jogarem dinheiro que obtiveram de forma legal, ou, sabe-se lá como, algumas delas, mesmo muito dinheiro. O que se poderia fazer com esse dinheiro todo no combate à pobreza e as outras formas de exclusão social?

Claro que situações como a atrás referida não acontecem com a maior parte das pessoas, mas, bem sabemos, que o “andar à pesca” de dinheiro e mais dinheiro não é assim tão pouco frequente como isso. A sociedade leva-nos a isso de muitas maneiras.

É muito difícil largar este tipo de pesca e seguir Jesus na faina de se ser “pescador de homens”. É muito difícil largar o que até julgávamos que seriam formas honestas e legítimas de ganhar a vida para passar a ser-se “pescador de homens”. É preciso ter, também, os olhos bem abertos, os ouvidos bem atentos e o coração bem sensível para percebermos os tempos e os modos como Deus nos faz esse apelo. Ele fá-lo e fá-lo muitas vezes e de muitas maneiras. Se não formos capazes disso, gastaremos a nossa vida em “pescas” que até podem ser consideradas legítimas, mas não são aquela “pesca” em que a nossa vida deve ser gasta, ou seja, a “pesca” das várias formas de “pobres” que Deus vai colocando no caminho da nossa vida todos os dias.

Que Deus nos ajude a saber ver esses “pobres” que são o nosso próximo e a saber ajudá-los em tudo o que estiver ao nosso alcance.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato,
4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

NATAL, FESTA DA FAMÍLIA — Vê-se já nesta altura o anunciar do Natal. Era bom que este fosse sem dúvida a festa familiar, na palavra do Evangelho.

O Natal quer dizer a festa do Nascimento, o regresso a Nazaré. Todas as famílias por mais humildes que sejam, se reúnem neste dia, mas também existem neste momento muitas famílias que não se juntam, ou se o fazem, as suas mesas em vez de ser de festa, pelo nascimento do menino, não o podem fazer, porque não têm nada para pôr na mesa, mas o mais triste que as mesas vazias, são as famílias que rejeitam outros familiares de se juntarem e festejarem esse dia, porque o nascimento do menino deve ser festejado em união e em família.

A alegria e a paz, não custam milhões de euros, é só repartirmos um pouco da nossa felicidade com o próximo mais carenciado. Se não o chamarmos para a nossa mesa, vamos então fazer com que este dia do nascimento do Menino Jesus, a sua mesa esteja mais composta, com alguns mimos extra.

Que vale ao homem ter tudo neste momento terrestre, se vier perdendo a sua alma. Como católicos não podemos esquecer as palavras do evangelho, amarás o próximo como a ti mesmo.

Vamos todos pôr de lado a religião, a política, a raça e darmos as mãos para que os mais carenciados tenham um Natal mais feliz, com as suas famílias juntas, na mesma mesa, dando Graças a Deus, por terem uma ceia mais composta.

Pai Américo escreveu no 1º volume do livro *Pão dos Pobres*: “A caridade mais o sol, onde quer que penetrem fazem brotar flores”.

Para todos vós um Santo Natal que o Menino vos traga o que mais desejais para o ano de 2017. Santas festas cheias da palavra de Deus.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 4589, 20€. M. Inês, 50€. Amiga Moçambicana, 50€. Aura Silva, 30€. Isabel Magalhães, 30€. Anónimo, 50€. D. Emília, 200€. Urânia, 25€. Maria Isabel, 30€. Anónimo, 50€.

O nosso NIB: 0010 0000 44178020001 58.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis

Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

Para os Amigos e Leitores interessados, aqui deixamos o link de acesso à colecção d'O GAIATO, desde o primeiro número: <http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/PadreAmerico/OGaiato/OGaiato.php>

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Elísio Humberto

CONVITE AOS ANTIGOS GAIATOS DA CASA DE PAÇO DE SOUSA — «*O livro é o milagre da tecnologia eterna!*», com o propósito de te entusiasmar, gostávamos que assimilasses esta célebre frase de Umberto Eco, a fim de melhor compreenderes o que temos para te propor, em espírito de partilha e fraternidade entre todos.

A ideia partiu de alguns Antigos Gaiatos, que expuseram (no passado dia 17 de Julho aquando do Encontro/Convívio no aniversário da partida de Pai Américo para o Céu) ao actual Director da Obra da Rua, que achou a ideia construtiva e deu luz verde para avançar.

É o seguinte: Antigo Gaiato, que viveu na Casa de Paço de Sousa e queira colaborar na elaboração de um “livro colectivo”, basta que envie — com vontade — um texto onde resumidamente retrate alguns momentos da sua vida enquanto viveu na Casa e que ache interessante pormenorizar. Também o pode fazer através de poemas, desenhos e fotos que possua, daquele tempo, e que se enquadrem no que descreve. Dá largas à tua imaginação, abre o coração e compõe aquilo que te vai na alma, do que te recordas e que mais te marcou. Alertamos para que nos envies só trabalhos (textos/desenhos/fotos) de que és autor e quem já escreveu os “Retalhos de Vida” não seja muito repetitivo.

O “material” que for recepcionado durante os próximos três meses, será analisado e se merecer alguma correcção, será previamente comunicado ao autor. Depois de verificado e ser efectuada uma composição, será entregue à Direcção da Obra da Rua para última análise e posterior edição do “livro” nas Oficinas-Escolas Gráficas de Paço de Sousa.

Ao enviáres, faz a tua identificação (pode ser primeiro e último

nomes) e se quiseses também a “alunha” pelo qual eras chamado. Menciona também o (os) anos em viveste na Casa (de 19xx a x) e a idade que tinhas.

Ao teu critério fica o nº de contacto (se pretendes comunicar-nos-emos só pelo e-mail que envias; s.f.f. texto em word e desenhos/fotos.jpg).

Agora, toma nota: Se nos forem enviados meia dúzia de trabalhos — com o devido respeito por estes autores — nada do que aqui estamos a propor faz sentido!

Da Casa do Gaiato de Paço de Sousa saíram centenas de rapazes ou já homens feitos, que engrossaram a soma de milhares em todas as Casas e se lançaram na vida.

Se para este “projecto de escrita colectivo” obtivermos algumas dezenas de testemunhos, será

com certeza viável e este possível “livro” — que é de todos! — por ser inovador e único, será um êxito!

Lembra-te das palavras de Pai Américo (nos estatutos d'O GAIATO): «*Se tens este dom, escreve como quem reza, com sinceridade!*»

São três meses que se dá para recepção dos trabalhos. Por isso, sem pressa, sem stress, elabora o teu pequeno projecto e envia para: **llivroantigosgaiatos.psousa@gmail.com**

Ao enviáres, estás a dar a autorização para que o conteúdo seja a tua colaboração no livro.

Já divulgamos este “convite” na nossa página do Facebook: Nova Associação Gaiatos

Desde já o nosso obrigado. Aceita o desafio e ficamos à espera da tua participação... à Gaiato! □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

ANIVERSÁRIO — O nosso querido Padre Telmo completou no dia 25 de Novembro os seus 91 anos de idade. Fomos celebrar à nossa Casa de Beire o seu aniversário, com todos os seus Rapazes. Tem dedicado a sua vida à nossa Obra. Foram já mais de cinquenta anos na nossa Casa do Gaiato de Malanje, que fundou, juntamente com alguns antigos gaiatos. Já formou muitos Rapazes, fazendo deles grandes homens.

TRABALHADORES — Três dos nossos Rapazes começaram a trabalhar numa fábrica de móveis. Estão a adaptar-se bem, e esperamos que tenham sucesso naquilo que estão a fazer, formando-se bons mestres para que mais tarde possam abrir o seu próprio negócio.

TIPOGRAFIA — Os nossos mestres tipógrafos andam a fazer mais volumes da nossa Banda Desenhada, para que quem desejar possa fazer a sua encomenda. É uma boa prenda para oferecer neste Natal, pois dá a conhecer a vida e a Obra do nosso Pai Américo. Quem quiser encomendar outros tipos de trabalho pode consultar a nossa tipografia.

FUTEBOL — Alguns dos nossos Rapazes foram ao Estádio do Dragão assistir a um jogo de futebol entre o Porto e o Belenenses. Os Rapazes gostaram muito deste passeio, pois alguns ainda não conheciam o Estádio. Agradecemos aos CTT que nos ofereceram os convites para assistir ao jogo. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

PADRE BAPTISTA — Esta Comunidade, a primeira Casa do Gaiato da Obra da Rua, está em comunhão com o Sr. Padre Baptista e as Comunidades do Calvário e da Casa do Gaiato de Beire, a cujos Doentes e Rapazes se foi entregando totalmente depois da morte de Pai Américo. Unidos na oração e no coração, um grande abraço desta Família, em cuja Diocese de Coimbra nasceu (Cabrill, Pampilhosa da Serra).

RECOLECÇÃO SOBRE PADRE AMÉRICO — No Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, no Porto, no dia 22 de Novembro, terça-feira, o nosso Padre Manuel fez uma Recolecção aos Padres da Diocese do Porto sobre a *Espiritualidade e testemunho sacerdotal do Padre Américo*, a pedido do Sr. Reitor Padre José Alfredo, com a presença do Sr. Bispo do Porto, D. António Francisco, e muitos Padres e estagiários. Foi reflectida uma *Súmula Biográfica do Padre Américo e Alguns Pensamentos*. É importante dar a conhecer a sua vida e Obra, como exemplo na Igreja e para o mundo.

SAÚDE — Continuam quase todos os dias as consultas dos Rapazes, em várias especialidades no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra. Um Rapaz teve de ser operado, no Hospital Pediátrico, outro teve papeira e também aconteceu sem querer uma perna partida num jogo da bola. A maioria dos Rapazes acodem pelo Benfica, mas também há muitos do Sporting e alguns do Porto.

AGROPECUÁRIA — A nossa colheita da azeitona foi levada pelo José Fagundo a um lagar em Oliveira do Hospital e resultaram da laboração 128 litros de

azeite. É um líquido precioso, saudável na alimentação. As couves tronchas que plantámos na nossa horta de cima, foram adubadas. Vamos debulhando milho grão, do nosso celeiro, para os animais. Alguns franguitos não resistiram, mesmo bem alimentados. Os jardins da encosta virada para o campo de futebol levaram mais terra para serem arranjados com arbustos e antigos engenhos de rega, que temos.

ARRANJOS — A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, da residência dos estudantes, deu-nos uns roupeiros usados, que ficaram bem nos quartos do rés-do-chão e do primeiro andar. Bem hajam! Na nossa casa-mãe, a sala de convívio passou a ser logo à entrada. Entretanto, foi possível continuar as pinturas da nossa Casa, do exterior da casa-mãe por diante, aos poucos. O portão antigo de frente para o nosso Cruzeiro, no largo da Capela, também ficou bonito!

CONTACTOS — É importante continuar a informar os nossos amigos leitores dos vários contactos desta Casa do Gaiato, pois nos são solicitados e assim vamos mantendo fortes laços de amizade. Eis, então, os ditos contactos: Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, Bujos, Rua Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo; Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099; E-mail: gaiatomiranda@gmail.com; NIB (CGD): 003504680000557733018. Aproveitamos para pedir desculpa aos nossos amigos sobre várias avarias de zona do nosso telefone fixo, mas à qual somos totalmente alheios e que tem causado incómodos. □

VINDE VER!

Padre Quim

A vinda do Messias

A importância de um grande acontecimento é notável, em primeira instância, pelo modo como decorre a sua preparação. Chegou o Tempo do Advento! O Menino que nasceu em Belém, há mais de dois mil anos, quer nascer outra vez no coração de cada homem e mulher do nosso tempo. Em cada coração que anseia por um mundo novo. Em cada casa onde houver paz e ternura para acolher uma criança, que sofre abandonada, com fome e frio.

A esperança é fonte de entusiasmo e motivação acrescida para viver este tempo de preparação, onde a alegria é crescente, direccionada à Noite Santa de Natal. Em nossa Casa já se fala numa linguagem carregada de expectativa deste grande acontecimento que se aproxima, chegando aos poucos. No Domingo, diante do Altar do sacrifício Eucarístico, a Comunidade acompanhou o acto da bênção da coroa do Advento e, logo de seguida, o mais pequenino da comunidade, o «Atanásio», acendeu, ajudado pelo acólito, a primeira vela, a primeira luz que começa a brilhar

na marcha, ao encontro do nascimento da Luz do mundo, que virá iluminar todos os homens. Não se pode caminhar no meio das trevas serradas da noite do pecado. A Aurora dos novos tempos, anuncia a chegada do esplendor da Luz e da Verdade. “*Veritatis Splendor*”. O Esplendor da Verdade brilha em todas as Obras do Criador e, particularmente, no homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26): a verdade ilumina a inteligência e modela a liberdade do homem, que deste modo é levado a conhecer e a amar o Senhor. Por isso, reza o salmista: «façei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face» (Sal 4, 7). Palavras com as quais o Papa São João Paulo II, introduziu a sua carta Encíclica «O Esplendor da Verdade», sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja.

É tempo de esperar fazendo o bem. Abandonando os caminhos montanhosos e abater as colinas do ódio e da violência que se instalou num tempo de crise antropológica que deu origem às mais variadas formas de

crise que estamos a atravessar.

Neste tempo em que os rapazes se encontram de férias grandes na escola e aproveitando a vivência deste tempo de Advento, redobramos os trabalhos que não eram possíveis em tempos de aulas, o arranjo dos jardins, retirando as ervas daninhas, dão-me a percepção de que o rapaz compreende e vive observando o quanto se passa na natureza, e fará o mesmo na sua vida interior: arrancar de lá os vícios que são as suas ervas daninhas e deitá-las fora para serem queimadas no fogo. É tempo de viver a reconciliação tão desejada e querida pelo garoto que destrói as boas relações e ao mesmo tempo se recompõe, para reatá-las com espírito de arrependimento e desejo de ser melhor na próxima ocasião. O mais importante é preparar o caminho do Senhor, nas nossas próprias vidas, lutando, até ao sangue, contra o pecado, através de uma maior disposição para a oração e mergulho na palavra de Deus, olhando para os pobres e ajudando-os a ter Natal. A conclusão é de Pai Américo, “Quanto mais damos, mais Deus faz aparecer”. “Maranatha”! Vem Senhor Jesus! □

BEIRE – Coisas que só o Amor faz!

Um admirador

VELHO, DOENTE E JÁ... Tive de ir ao Porto e, de recado em recado, esbarro-me com este quadro: frente a uma clínica veterinária está um cão — *velho, doente e já lazarento*. A meter nojo... Perto está uma senhora modesta, mais que de meia idade, assim como quem espera por vez, para *entrar sem incomodar*... Segura-o pela trela. Penso que mais para o arrastar do que para o não deixar fugir — tão debilitado ele está. E ele é grande demais para levar ao colo. Ela, resignada, com ares de dona condoída — como se de família se tratasse.

UM SALTO AO CALVÁRIO. Sigo o meu caminho. Mas o quadro segue comigo. Não sei se pelo cão se pela senhora que o acompanhava. Recordo *dores de apego* da minha infância aquando da morte de animais domésticos a que me tinha afeiçoado — um cão (o *tirone*), um gato (a *gatinha branca*), um porqueto que a mãe me deu — o mais fraquinho da última ninhada, um vitelinho, que ia vendido para o matadouro, uma ovelhinha, com que brincávamos tanto... Entrementes, o meu pensar/sentir saltou do cão e da senhora para aqui — Beire, Calvário. Aqui onde tanta gente vê *nojos* que nós não vemos. Porque os amamos. E os servimos. Lhes damos o melhor do nosso tempo, em serviços de apoio.

Frente a tantos casos que se repetem no nosso dia a dia, vamos ouvindo: — *Eu não era capaz. Enoja-me. Sinto o estômago revolver-se-me. Não sei como conseguem*... São os bei-

jos de *fulana* e de *beltrana*, os abraços da Isa e da Tinita, que me chama *meu painho novo*... (o *painho ‘velho’* (...) é o Sr. P.º Baptista). Aquelas barbas a picar (*hirsutismos* próprios da doença e da idade) e, tantas vezes, a boca sem passar um guardanapo, ainda a pingar restos de... São, cá em baixo, os prolongados abraços dos rapazes, com as mãos cheias de gorduras e/ou restos do pão que sempre andam a moer... Volta e meia lá me chamam a atenção: — *Deixa-me limpar-te as costas, os ombros, os braços*... *Pareces as mães com filhos de colo*... Como quem brinca, desculpo-me: — *São as medalhas dos meus meninos*...

CINQUENTA ANOS ATRÁS. Recuo 50 e muitos anos no tempo. Vejo-me a acompanhar o P.º Baptista a ir buscar e/ou “ver um caso” de que lhe falaram para trazer para o Calvário... E vejo as suas medalhas de então sobre a capa, sobre a batina: vomitados, esterco de toda a ordem que se desprendiam dos doentes que carregava aos ombros, escadas a baixo, encostas acima, a caminho do carro ou, já no Calvário, do carro para a banheira... Qual bom samaritano. Qual bom pastor a carregar a *ovelha perdida e mal tratada*...

Magico frases correntes que toda a gente vai ouvindo: — *A caquinha, o vomitado dos filhos não cheira mal nem mete nojo às mães*... Lembro-me de que também a lepra não metia medo ao P.º Damião... Os *delirium tremens* dos velhinhos abando-

nados nas valetas e mansardas de Calcutá não arrepiavam Madre Teresa. Vi-a aproximar-se, falar-lhes, afagá-los e, tantas vezes, até beijá-los. São os mistérios do Amor. Esse que dá Força à minha vida. (*Ou a debilita quando, em vez do Amor Firme, embarco num amor debilitado*...).

Repasso ideias, conceitos que recebi e de que fiz culto, minha cultura e que ainda cultivo: *Ubi amatur non laboratur* — quem trabalha por gosto não cansa; quem o feio ama bonito lhe parece. O amor é cego — pode até levar à *loucura do Evangelho*...

DECISÕES DA JUVENTUDE. Sem querer, vou até lá atrás, onde a *vocação/revelação* do Calvário, misteriosamente acolhida, começa a espirrar de um coração jovem para a vida... Ouço uma gravação de Pai Américo, creio que no Coliseu do Porto, a falar dos Padres da Rua: — ... *E outro vem aí. Por uma declaração ousada ao seu superior hierárquico. Senhor Bispo, eu tenho para mim, diz esse jovem de 22 anos, que hoje só o escândalo da pobreza pode acreditar e tornar eficaz o nosso ministério. Por isso, in nomine Domini, deixe-me ser Padre da Rua*.

Sessenta e quatro anos são passados sobre esta “declaração ousada” do nosso P.º Baptista. Ouço-o e vejo-o dizer-me que *o entusiasmo ainda é o mesmo*... E entendo melhor algum *gemidito* que lhe apanho, amortecendo a sua Esperança. — *Estou com medo do tribunal*... E logo: — *Se*

SETÚBAL

Padre Acílio

Silêncio

CHEGUEI a Casa após um Domingo inteiro de ausência. Saí cedo e um padre amigo veio celebrar, com os Rapazes e os cristãos que nos rodeiam, o Mistério Eucarístico.

A noite já dominava o ambiente, mas ainda não se viam abertas as luzes do amplo jardim, ao chegar a Casa.

Invadia-me um enorme cansaço e já não atinava bem com as minhas normais preocupações.

Nisto, pergunto-me sem falar com ninguém. Mas onde estão os rapazes?

Olho por entre as laranjeiras, para a grande sala de jantar toda iluminada, vejo as horas e lembro-me que estão no estudo.

Entro pela cozinha e não oiço viv’alma.

Assomo-me ao refeitório e contemplo os rapazes agarrados aos livros num silêncio admirável que me alegrou imenso

Mas onde é que no mundo existem maravilhas semelhantes? Onde?

Os rapazes sozinhos a estudar, cada um na sua mesa, sem qualquer perturbação!... Como? Um deles é chefe e responsável, por isso é respeitado!

Oh! mundo, não venhas cá exigir canudos. A minha experiência cinquentenária vai chegando para conduzir a rapaziada com amor e eficiência.

Oh! mundo, não me venhas impor técnicos! Tenho muito respeito por eles e consulto-os sempre que preciso.

Peço-te, ó mundo, que respeites e acredites no que connosco se torna evidente: — Ninguém tão perto dos rapazes como os próprios rapazes.

Eu sei que tu, ó mundo, não acreditas e, por isso, impões os teus especialistas! Será para dar trabalho aos que se vão licenciando, às vezes, alguns, sem nenhuma formação humana, ou é apenas para impores a vontade dos que te comandam?!

Olha que não estou a inventar. Aos sábados e aos domingos, das 17h00 às 19h00 vem espreitar e convencer-te-às, pois este silêncio é eloquente!

Campo verde

A nossa Quinta é, nesta altura, um campo de verdura deslumbrante! O azevém, semeado ainda no tempo quente, saltou da terra com tal ímpeto que, agora, nos oferece um espectáculo extraordinariamente atractivo.

O verde da Natureza é dos mais agradáveis que ela nos oferece, mas quando este é trabalhado pelos nossos rapazes, transmite-nos um prazer fecundo incomparável.

As valas foram abertas nas extensas e largas leiras e as lavouras deram inclinação, de modo que as drenagens se tornam naturais e fáceis. A água vai escorregando por cima da sementeira, enquanto a que penetra na terra, vai sangrando por baixo do chão e nascendo nas vertentes e no fundo dos regueiros que desaguam na vala real, limpa uma vez por ano.

Toda esta maravilha entra na alma dos rapazes, molda-lhes a sensibilidade e enriquece o coração pois também é fruto do seu trabalho e, agora, atracção contemplativa. □

eu fosse a dar o nome de todos os amigos que querem ir a tribunal defender-me!...

FICO-ME A PENSAR.... Há vidas que se desgastam, em apêgos doentes, a cuidar de *animais de estimação*; há vidas que se gastam em *amores* a não sei que “Deus” desencarnado; não sei que “Universo” que não o universo criado por esse **UNI** para que tudo está voltado/versado... E há também vidas que se desgastam

assim a semear *Mais Vida e Vida em Abundância* (Jo 10,10). Há vidas. E há a minha vida... Como quem sente um alerta vindo dos fundos da Criação, ouço: — *Num mundo tão carenciado de amor é crime andar a dá-lo a quimeras*, que nos afastam do **PRO+jecto Humanizador do Pai**, revelado no **PRO+jecto de Jesus** de Nazaré, a cujo **Santíssimo Nome** Pai Américo dedicou a Obra da Rua... □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel: 255752285 • Fax: 255753799

jornal-o-gaiato@obradarua-org-pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua-org-pt facebook.com/Casa-do-Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.º P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21350

Director: Padre Júlio

Director Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C.P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

BENGUELA

Padre Manuel António

Queremos ser felizes

ONDE está o caminho da felicidade verdadeira? O caminho pelo qual se chega à felicidade já, aqui e agora, está na posse da herança que Jesus Cristo nos deixou: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”. Pai Américo seguiu este caminho, até ao fim da sua vida, com a manifestação do seu amor aos pobres. As Casas do Gaiato são um dos frutos maravilhosos da fecundidade do seu caminho de Amor. Permanecem vivas graças ao Amor que está no coração de cada um dos nossos benfeitores. Devemos amar todas as pessoas. Os pobres, os doentes, os marginalizados devem ocupar, dum modo especial, um lugar no nosso coração. Deste modo, não lhes faltará o único caminho para os fazer sair da sua condição de miséria e infelicidade. Temos o testemunho da nossa Casa do Gaiato de Benguela. É o amor dos nossos benfeitores que permite a sua sobrevivência. Procuramos irradiar os frutos da sua vitalidade, ajudando os que mais necessitam. Os doentes que sobrevivem numa pobreza extrema crescem, em número, cada vez mais. Quem dera chegue, também a Angola, o ramo mais precioso da árvore que nasceu e cresceu no coração de Pai Américo: O Calvário, a casa de família dos doentes incuráveis abandonados. São necessárias, antes de mais, as vocações que façam a entrega das suas vidas. Esperamos.

Há dias, uma menina, ainda muito jovem, bateu-nos à porta, Trazia o seu filhinho mais novo que estava doente. Não tinha possibilidades para a consulta, nem

para os medicamentos. Sentámo-nos, por breves momentos, a dialogar sobre a sua história. O pai da criança tinha fugido, abandonando-a com mais três filhos. Era uma situação de miséria. O Amor esteve presente. Abriu-lhe as portas do consultório médico e da farmácia para a aquisição dos medicamentos. Já temos referido a gravidade do problema social desta nossa querida Angola, relacionado com o abandono dos filhos pelos pais. É uma multidão. Deste modo, cresce o número dos filhos abandonados. O pai foge. A mãe, sozinha, vê-se incapaz de levar, para diante, a educação das crianças. Ficam abandonadas. Por isso, aumentam os pedidos para o seu acolhimento na Casa do Gaiato, com muita frequência, dos vários pontos de Angola. Que fazer? O Amor, cada vez mais forte, é o remédio, até que haja uma mudança social, a nível de comportamento. Ontem, mais um telefonema, de Luanda, a pedir o internamento dum filho abandonado, na nossa Casa do Gaiato de Benguela. De momento, não tem sido possível. Há, também, uma crise social, muito grave, a nível de empregos e colocação dos filhos mais velhos. Estes estão a ocupar o lugar da criança abandonada, em nossa Casa. Mas

não podemos mandá-los para a rua, sem terem possibilidade de meios de subsistência. Seria um desastre humano. Vamos tentar, em breve, a solução deste problema, verdadeiramente aflitivo. Quem dera encontremos sempre pessoas, a vários níveis, caracterizadas pela lógica do amor gratuito. Deste modo, a nossa Casa do Gaiato dará os seus frutos que são os sinais de que a árvore está viva. Abri os vossos corações e dêmo-nos as mãos com as vossas ajudas!

O ano lectivo de 2016 chegou ao fim. Na hora em que estou a escrever-vos, ainda não temos os resultados completos. Há, contudo, a esperança de que o esforço foi, em boa parte, aproveitado. Aguardamos. Partilho convosco esta dimensão da nossa vida, porque ocupa um lugar muito importante na educação destes filhos que, sem a Casa do Gaiato de Benguela, seriam valores desprezados. Deste modo, a fecundidade do Amor faz autêntico tesouro da sociedade do que poderia ser considerado lixo humano. Nesta fase da nossa vida queremos manifestar os nossos sentimentos de gratidão a todos os benfeitores da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos desta nossa e vossa grande família, com votos duma caminhada feliz e fecundada pela partilha do vosso coração, a caminho do Natal. Estamos no tempo do Advento! □

PENSAMENTO

Pai Américo

O Decálogo do Sinai não é como o da Ditadura. Ninguém está preso pela consciência ao Ditador, mas todas as consciências estão presas à imutabilidade de Deus, regra de vida e única fonte da moral cristã.

in *Pão dos Pobres*, vol. 1, p 95

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Que vale à pobre mãe ter a Lei a seu favor, se ninguém se apronta para lhe fornecer um ninho onde se acolha com os seus filhos?

O Estado, que em parte, é responsável por esta degradação de costumes, não mostra ter nenhuma obrigação, além de a proteger legalmente.

Assim, a Lei é morta!

Todos andamos a sofrer com o acolhimento dos Refugiados e eu também me incluo no número, mas mais ainda por estes refugiados portugueses, em primeiro lugar, porque Deus manda amar o próximo.

Imediatamente responsável, só as próprias mães que choram, gemem e mirram com os filhos às costas e o coração a sangrar!

— *Oh! mulher! Não saia da casa do seu tio!*

O assistente social, para cumprir o mandato, que lhe arranje uma casinha da câmara. Você não saia da casa do seu tio. Depois, venha ter comigo, que tudo se há-de compor!

Ninguém a pode pôr na rua,

sem um tecto para se cobrir com os seus!

Veio outra, com as costelas partidas pelas pancadas do marido. Estes são casados. Fugiu de uma casa que ambos tinham comprado com empréstimo bancário.

A filha, de doze anos, acudiu pela mãe, e também levou.

O progenitor, nem sequer lhe permitiu trazer os livros escolares. Não sei se a Polícia interveio. É que o medo impera avassaladoramente nestas circunstâncias.

Esta, tinha-se refugiado em casa de pessoas amigas e apalavrado uma moradia mobilada.

Se eu a podia ajudar na renda, que não tinha um cêntimo, nem roupa, nem louça para si e sua filha.

Depois de a atender a sós, e ouvir mais pormenorizadamente o drama que acabo de relatar, desabafou: — *Estava bem empregada na Inglaterra e regressiei a pedido do meu marido.* — Entretanto, chora o desgosto, a raiva e a amargura.

— *Sim senhora. Vou consigo ver a casa!*

Combinado por telemóvel com

a futura senhoria, lá fomos ambos examinar o seu novo aconchego.

Uma casinha térrea, espaçosa. Mobilada e com roupas de cama, ainda um pequeno quintal e vistas para o rio.

— *É muito grande para si e sua filha, mas é o que há.*

Lá lhe paguei a caução e o primeiro mês: 600 euros.

Comprei-lhe uma garrafa de gás e dei-lhe uns trocos, mais vinte euros para as primeiras dificuldades.

A pobre encontrou trabalho. A empresa forneceu-lhe uma roupa capaz de se apresentar dignamente diante de qualquer pessoa. Encontrei-a na rua. O alívio e a alegria que a inundava são indescritíveis. Agarrou-se a mim, a chorar de gratidão e, por mais que eu lhe afirmasse que só a Deus deve agradecer, não me largava, a beijar as mãos.

— *Eu sou um enviado do Senhor, mandado a socorrê-la.*

Vá à igreja. Reze. Oiça a palavra de Deus que lhe dará conforto e robustez a si e à sua menina. □

MOÇAMBIQUE

Irmã Quitéria

NA preparação litúrgica para a festa de Cristo Rei, fomos motivados a reflectir sobre o verdadeiro significado de “Rei”. Cada um descrevia “Rei” conforme a sua imaginação e conhecimento. Para uns, Rei estava associado a lindas coroas e tapetes, para outros ao poder absoluto e para outros à humildade.

Na nossa Casa também temos reis. Uns pequenos e outros grandes. Uns com grandes coroas de orgulho, vaidade, preguiça, mentira e violência. Todos os dias é preciso dizer não a estes reis, porque o nosso reinado é para os pequeninos e não podemos aceitar os grandes reis. Mas a paciência leva-nos a descobrir os verdadeiros reis.

Educar a vontade humana é um processo cada vez com mais desafios, exigindo dos educadores uma preparação espiritual e humana, que só é possível quando estamos em união com o Verdadeiro Rei e numa constante busca do Seu Reinado. É preciso que este Rei se torne o Verdadeiro Guia.

Mostrar aos Rapazes mais velhos que o verdadeiro reinado exige mudança, nem sempre é uma tarefa fácil. As marcas do passado devem ser trabalhadas. É preciso dar tempo para uma abertura e esperar a sua hora. Por vezes, os grandes males escondem-se no mais profundo de cada um e, para isso, é necessário estarmos atentos a cada um dos pequenos detalhes.

Num gesto de humildade, olhando o leteiro que identificava Jesus como Rei, um dos malfeitores reconhecia a justiça feita perante as suas más acções. Quem dera que os nossos filhos também fossem capazes de tamanha humildade! Quem dera que os nossos filhos fossem tão justos! A humildade e a justiça caminham de mãos dadas e, conforme dizia o Pai Américo, “o humilde vence tudo”. Os nossos filhos repetem muitas vezes este pensamento. Quem dera que esta lição fosse colocada em prática!

Numa sociedade onde a violência e a corrupção não têm preço, a lei da humildade não faz o seu eco. Resta-nos dizer como o bom ladrão: “Jesus, lembra-te mim”. Que sejamos fieis seguidores do Verdadeiro Rei.

Ultimamente em Moçambique ouvimos o clamor de tantos pobres a gritar pela Paz. A seca e a crise financeira provocada pela maldade dos poderosos, tem provocado muita dor e luto. Como sonhamos e ansiamos dias melhores!

Nestes últimos dias, tem caído alguma chuva de uma forma muito irregular. Por duas vezes, com fortes ventanias. A primeira, levou-nos um dos telhados de um armazém da fazenda e, a segunda, o telhado do aviário das galinhas poedeiras. Contudo, a chuva é sempre bem-vinda e aguardamos, com ansiedade, o seu impacto nas nossas culturas.

O ano lectivo está a chegar ao fim. Os nossos rapazes começam a ficar inquietos. Durante as aulas convivem com os mais de oitocentos alunos e alunas externos que frequentam a nossa Escola. Agora, nas férias, temos que ocupá-los com outras actividades, desde a machamba ao desporto. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

Não teve filhos legítimos. Teresa, nascida dia 26 [25] de Janeiro de 1847, casou a 24 [23] de Outubro de 1873 com Ramiro Monteiro de Aguiar. Teve os seguintes filhos: José, Joaquim, Maria, Jaime, João, Zeferino, António e Américo. Lourença Rodrigues — Avó materna. Era da Casa de Vales, de Cadeade, filha de João Rodrigues Moreira. Nasceu dia 11 [21] de Outubro de 1811 [10], e faleceu dia 20 de Janeiro de 1885.

Sobre os dados supra, que devem ser aferidos pelos assentos dos registos paroquiais, entre outras observações, é de assinalar que o avô materno António Joaquim também surge com o apelido Coelho, proveniente mais proximamente da sua mãe Teresa Coelho, de Santa Luzia, em Paço de Sousa, já referida e da chamada *Casa das Coelhas*. A família que temos procurado desvendar, com pergaminhos cristãos em Paço de Sousa, tem jazigo com beleza arquitectónica no cemitério paroquial (velho), a nascente, mandado construir por Joaquim, irmão da mãe Teresa — a *D. Teresinha de Antelagar*. Bem juntinho, a sul, repousaram os restos mortais de Padre Américo (de 1956 a 1961) e depois neles ficaram, entre outros, também os da senhora D. Sofia e de Padre Carlos Galamba; e, ao lado, os da sua irmã Maria de Aguiar. Conforme se verifica pelo seu assento de baptismo, Teresa Ferreira Rodrigues *nasceu no dia vinte e cinco de Janeiro de mil e oitocentos e quarenta e sete e era filha legítima de António Joaquim Ferreira Coelho e D. Lourença Rodrigues, do lugar de Antelagar*. No elenco citado da fratria de Américo Monteiro de Aguiar, o irmão médico Dr. António de facto nasceu antes (1884) de Zeferino (1886). Podemos observar ainda que o nome de baptismo António, do avô materno, era frequente na pia baptismal e está ligado evidentemente a Santo António, de grande devoção popular e universal. No lugar de Cadeade, em Paço de Sousa, em 1749, foi instituída uma Capela em honra de Santo António.

Podemos, assim, subscrever com gosto as palavras bíblicas, inspiradas: *a coroa dos anciãos são os filhos dos filhos* (Prov 17,6). □